

POESIA
PARA A PROSAO NOVO QUOTIDIANO EM NUNO JÚDICE:
A RECUPERAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DA NÃO RENDIÇÃO À DISTOPIA
A INATA VONTADE UTÓPICAMarta Isabel dos Santos PEREIRA¹

Um poema inédito de Nuno Júdice

O novo quotidiano

Agora que os vizinhos não podem sair de casa para a rua, a única liberdade que têm é sair para os quintais das traseiras, e a única liberdade que eu tenho é a de ver o que fazem. Até agora, os pátios eram depósitos de lixo onde a erva crescia no meio de móveis sem préstimo, de restos de obras, e os únicos moradores eram os pombos. De repente, os quintais mudaram de aspeto. O lixo começou a ser tirado, durante alguns dias ouviram-se máquinas de cortar a erva e os arbustos selvagens, e apareceram mesas e toldos para almoços ao ar livre. De repente, os quintais apareceram floridos, as árvores foram limpas de ramos partidos e plásticos, isto é, a paisagem que eu tinha da minha varanda das traseiras transformou-se, de uma semana para outra, e apareceu uma vida que nunca tinha visto: de um lado, laranjeiras carregadas de cor de laranja, do outro o amarelo dos limoeiros,

ao fundo o rosa de roseiras até hoje escondidas por caixotes e embrulhos de antigas mudanças.

E agora, se quero ver que o mundo continua habitado, em vez de olhar para a rua olho para esses quintais das traseiras e até ouço, de vez em quando, o ruído de crianças que jogam à bola, as conversas de vizinhos que almoçam no pátio, os cães a correr a caminho do portão. E num pátio do lado, nos intervalos das aulas à distância no computador, um dos estudantes do rés-do-chão fazia ginástica. Todos os dias [se dedicava a flexões, a corridas circulares, a movimentos com os braços. Até ontem, [quando o vi dar voltas ao pátio de cimento a fazer o pino. E concluí que a razão está do lado dele, ao descobrir que não há outra forma de andar neste mundo ao contrário.



Nuno Júdice

¹ Assistente Convidada no Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Endereço eletrônico: <misabelpereira@ese.ipv.pt>.

Se há um ano fosse escrito o poema *O novo quotidiano*, justo seria que após a sua leitura se considerasse que o autor retratava um qualquer cenário imaginário no qual estava a habitar.

Nada de novo, na liberdade temática poética. O leitor seria acompanhado de uma sensação de irrealidade, de certa estranheza que descodificaria na leitura atenta dos versos e consequentemente, separaria a sua realidade da realidade lida “...irá separar essas duas categorias: realidade e poesia.” (JÚDICE, 1998 [on line]). Degustaria o conteúdo poético – aprovando ou não – mas certo de que a poesia possui individualidade, não misturaria os papéis referenciais assumidos pelos intervenientes: o leitor e o lido.

Porém, qual seria a consequência de 1) não existir separação de categorias; 2) miscigenar os papéis referenciais sob um mesmo contexto, sendo ele incompreensível? Se, de acordo com o autor o poema transporta em si a utopia, também é certo que o conflito gerado entre poema e comunidade, ou entre o individual e colectivo conduz o poema para o plano da anti-utopia. (JÚDICE, 1998 [on line]). Ensaia-se assim uma resposta à problemática levantada em 1 e 2. O poema em análise *O novo quotidiano* encarrega-se de descrever e demonstrar a intersecção entre realidade e conteúdo poético, em contexto de “utopia negativa” (JACOBY, 2007, p.31) ou distopia, conceito que John Mill inaugura em debate parlamentar no século XIX.

Há menos de um ano aconteceu o unimaginável. Perdeu-se o controlo da vida, da liberdade, do quotidiano. As televisões noticiavam e o ser humano pasmava. O pasmo deu lugar ao medo. O medo eram números. Muitos. Terríveis. A casa passou a ser refúgio, mais tarde cela. A pior das celas; aquela em que a porta está destrancada.

Amputaram-se os abraços e os afagos. Criaram-se distâncias e reclusões. A casa passou a ser um “não lugar” (VILAS-BOAS, 2002, p. 95) no sentido contrário da liberdade de movimento inerente ao ser humano. Um lugar não feliz, um lugar onde se experiencia a dificuldade.



Quando milhões de seres humanos foram obrigados a permanecer nas suas casas, colocando em pausa os seus afectos e vivências, criou-se uma nova dimensão distópica, ou não-utópica, desta feita.

O tempo passou devagar, arrastou-se, trazendo consigo uma nova forma de vida.

Precisamente, o tempo é um referencial bastante presente no poema de Nuno Júdice. Adivinha-se um antes, um agora e um “não se sabe futuro” através da apresentação de uma transição da vivência dos vizinhos. Espectador, o autor vai relatando o resultado do confinamento, “agora” – advérbio de tempo usado para marcar balizas temporais – que os vizinhos não podem sair de casa. Sem o escrever mas informando, o autor está também ele recluso, o que lhe permite ir acompanhando as alterações à realidade que o rodeia.

Agora que “*o espaço do passeio é assim um contra espaço*” (VILAS-BOAS, 2002, p.108), a “única liberdade” – estranho adjectivo a acompanhar a palavra “liberdade” – é a de redescobrir um novo espaço, aquele esquecido, não usado.

Também inerente ao ser humano é a sua forte capacidade de adaptação, e tal acontece quando as traseiras dos prédios, secundarizados pelos quotidianos normais, assumem protagonismo.

Ou seja, a parte da frente da casa que conduzia às ruas e ao bulício ficou interdita. A liberdade que se conquistava com a porta da saída ficou selada, pois metaforicamente a porta representa o Passado, o habitual, a prática rotineira e diária. Representa o quotidiano trivial, nunca tão valorizado até à fase de reclusão. O Presente verbal é representado pela casa, agora lugar obrigatório, na qual se sitiaram as vidas.

Sem alternativa, a vida reinventa-se e expande-se, em segurança, para a parte traseira da casa. A “única liberdade” do autor – repetição da expressão como forma de assinalar a restrição de movimentos – é a contemplação.

Sob a perspectiva de utopia negativa, que decorre do cruzamento do poema com a realidade, e da fusão com referenciais distópicos, o Futuro constrói-se num novo lugar ao qual pouca atenção se prestava e onde pouco tempo se passava.

Aos poucos, reconquista-se uma nova liberdade e um novo quotidiano, todavia em dois momentos: um primeiro de preparação, um seguinte de instalação.

Ora veja-se: como aponta o autor, os quintais das traseiras dos prédios eram depósitos de lixo, onde crescia vegetação descontroladamente, entre entulho e móveis esquecidos. Os pombos – “únicos moradores” – acrescentavam à cena uma noção de desabrigo. Porém, a procura de um novo espaço desencadeia o primeiro momento. “De repente” – o uso da locução adverbial de tempo pretende exactamente enfatizar o aspecto súbito e inesperado – os moradores começam a modificar o espaço disponível, criando condições para dele usufruir. A fase de preparação socorre-se de toda uma semântica que sugere o embelezamento: “...os quintais mudaram de aspecto...”, “...o lixo começou a ser tirado...”, “...ouviram-se máquinas de cortar a erva e os arbustos selvagens...”, “...apareceram mesas e toldos para almoços...”. O autor repete a locução e segue dizendo que “...os quintais apareceram floridos...”, “...as árvores foram limpas de ramos partidos e plásticos...”. A preparação do espaço demora somente uma semana, à qual se segue a segunda etapa: a instalação e usufruto. O uso do verbo “transformar” encarrega-se de fazer a ponte entre os dois momentos.

Cor, luz, afecto, som, vivência surgem pungentes no momento de instalação do novo espaço. Nas palavras o autor, ergue-se uma nova forma de vivência que nunca tinha testemunhado; as laranjeiras surgem carregadas de fruto e cor, assim como os limoeiros. A cor e a fertilidade do fruto sugerem indícios de um novo Éden, de um espaço que resgatou a vida, a liberdade. O cenário paradisíaco é de novo enfatizado pela presença de roseiras, também elas carregadas de flor. Cria-se um *locus amoenus* que aponta para a recuperação de algo.

Pois se é certo que a Pandora se agradece a concepção de esperança, a esta junta-se a capacidade de reinvenção humana, e o seu natural desejo por uma melhor condição.

Assim, a parte final do poema que se inicia com um ponto da situação “E agora...” anuncia a mais antiga pretensão da humanidade, a conquista da liberdade, e no seguimento, a recuperação da utopia.

Para José Eduardo Reis (REIS, 2002, p. 15-27) a utopia não nasce *ab nihilo*, mas da dialética em prática *“Its well-intentioned and positive, pragmatic pursuit has the aim of educating and regenerating the civil and ethical conscience of individual citizens.”* (p. 16)

Se o isolamento utópico se trata de uma preparação para uma expansão racional, da mesma forma não se pode descurar a sua procura pela inocência natural e pura liberdade perdidas *“...that existed before the perpetration of a cosmic default and the emergence of the regulating and modelling law of the social state.”* (p. 17)

Na verdade, a conjunção e o advérbio iniciam a descrição de toda uma utopia agora (re)construída nos jardins dos prédios, nas traseiras das casas que devolve ao humano a sensação de “melhor”. Se o autor quer vê-la, terá de mudar de torre de menagem, deixando as ruas da frente e observando o mundo habitado das retaguardas. Repara que a distopia do Presente foi tomada por uma vontade intrínseca de recuperação da realidade utópica. Vê e ouve sinais de um quotidiano resgatado através do som das crianças brincando, das conversas de convívio, dos animais correndo, da realização de exercício físico. É essa a forma de normalização do que o autor chama de “mundo ao contrário”, *“...outlined on the continual human will to align the conscious representation of the world with an ideal (project or society), which...varies in the delimitation and definition of its substance of positive content.”* (Reis, 2002; p. 18)

O Futuro, tão incerto antes, desenha-se na reaquisição idílica do lugar, do tempo e da vida: *“...as plans and blueprints of circumstantial forms of organisation and social*



relationships considered as being a more perfect alternative than those that are given and known in the relative plan of historical time.” (REIS, 2002, p.18-9)

O constante “*mental exercise on lateral possibilities*” (ROUVILLOIS, 1998, p. 15) “*conceived with human effort*” (SARGENT, 2000, p. 8-10) resulta em progresso, no desenvolvimento da esperança em diferentes circunstâncias históricas e num promotor hermenêutico, em vários campos do conhecimento e conduta humanas (REIS, 2002, p.25)

Ao autor foi dado o privilégio de observar a regeneração da humanidade, em pequena escala. A procura incessante e inconsciente de melhores condições, em situações adversas.

E se, ao examinar um espaço exterior materializado, percebido como susceptível da realização de valores e aspirações, um local onde decorre um modo de vida ideal, sem saber estivesse o autor a testemunhar o nascimento do passo seguinte?

E se, o autor testemunhou e relatou o nascimento de uma Eutopia?

REFERÊNCIAS:

JACOBY, Russell. *Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JÚDICE, Nuno. O novo quotidiano. In: *Jornal Quinzenal JL*, 20 de Maio a 2 de Junho de 2020, Lisboa, p. 2.

JÚDICE, Nuno. *As Máscaras do Poema*. Lisboa: Oríon, 1998. Disponível em https://www.academia.edu/10280333/As_m%C3%A1scaras_do_poema_Ar%C3%ADon_1998. Acesso de 17 a 22 de Outubro, 2020.

REIS, José Eduardo dos. *Do Espírito da Utopia: Lugares Eutópicos e Utópicos. Tempos Proféticos nas Literaturas Portuguesa e Inglesa*, Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1997.

ROUVILLOIS, Frédéric. *L’Utopie*. Paris: Flammarion, 1998.



SARGENT, Lyman Tower. *British and American Utopian Literature, 1516-1985: An Annotated, Chronological Bibliography*. New York: Garland Publishing, 1988.

VILAS-BOAS, Gonçalo. Utopias, Distopias e Heterotopias na Literatura de Expressão Alemã. *Cadernos de Literatura Comparada, Utopias 6/7*. Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

Envio: Outubro de 2020
Aceite: Outubro de 2020